



# LITERATURA E PATRIMÔNIO: GILBERTO FREYRE E O GUIA PRÁTICO, HISTÓRICO E SENTIMENTAL DA CIDADE DE OLINDA (PE)

Eixo Temático 2 - Práticas de comunidades, grupos e indivíduos: processos de elaboração, identificação e preservação de referências culturais coletivas

Aldilene Marinho César Almeida Diniz  
Professora Doutora, CEFETRJ, Brasil  
aldicesar.cefetrj@gmail.com

Marina Marins Moretoni  
Doutoranda (UFRJ) e Pós-Graduada (CEFETRJ), Brasil  
moretoni.marina@ufrj.br

\* A revisão do texto é de responsabilidade dos autores

## RESUMO

Neste texto refletimos sobre o sociólogo e ensaísta brasileiro Gilberto Freyre e sua obra *Olinda: 2º Guia Prático Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira*, publicada em 1939. Buscamos compreender, a partir de uma abordagem qualitativa, exploratória e interpretativa às ressonâncias do referido guia de viagem sobre os processos de patrimonialização do Centro Histórico de Olinda, tombado patrimônio nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 1968, e inscrita na Lista do Patrimônio Mundial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 1982. Parte-se do pressuposto de que a obra e seu autor desempenharam papel relevante para a patrimonialização da cidade e para o reconhecimento de Olinda a nível nacional e internacional.

**Palavras-Chaves:** *Gilberto Freyre; Olinda: 2º Guia Prático; Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira (PE); Patrimônio Cultural; Iphan; Unesco.*

## ABSTRACT

In this article we reflect on the Brazilian sociologist and essayist Gilberto Freyre and his literary work *Olinda: 2º Guia Prático Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira* published in 1939. We seek to understand from a qualitative, exploratory, and interpretative approach the resonances of the aforementioned travel guide on the heritage processes of the Historic Center of Olinda. Olinda was listed as a national heritage site by the Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) in 1968 and inscribed on the World Heritage List by the United Nations Education, Science and Culture Organization (Unesco) in 1982. We consider that this literary work and its author played a relevant role to the election of Olinda as cultural heritage as well as for the recognition of the city value at national and international levels.

**Keywords:** *Gilberto Freyre; Olinda: 2º Guia Prático; Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira (PE); Cultural Heritage; Iphan; Unesco.*

## 1. INTRODUÇÃO

Pessoas e objetos constroem-se uns aos outros e são construídos em meio a confluências históricas, sociais, culturais, políticas, econômicas e geográficas que produzem contextos específicos de sociabilidade e produção de significado. A obra *História do Rio de Janeiro em 45 Objetos*, organizada por Paulo Knauss, Isabel Lenzi e Marize Malta, e publicada, em 2019, pela editora da Fundação Getúlio Vargas, demonstra como os objetos são capazes de evocar, dentre outras coisas, a história política e social das cidades e expressam a experiência da vida em sociedade. Mais importante, ainda, é sua compreensão de objetos como “agentes da história, em situação, buscando uma aproximação íntima com a vida urbana, valorizando seus acontecimentos, personagens, costumes e práticas” (*Idem*, 2019, p. 10).

Inspirado na obra supramencionada, o presente texto tece reflexões acerca da interseção entre pessoas, objetos e instituições tempo-especialmente situados no Brasil do século XX. O recorte sugerido refere-se à obra *Olinda: 2º Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira* publicada, pela primeira vez, em 1939, e de autoria do sociólogo e ensaísta pernambucano Gilberto de Mello Freyre (1900-1987). Sujeitos da história, Freyre e seu guia representam a história social, política e cultural do Brasil na primeira metade do século passado, em especial, no que diz respeito à construção de imaginários nacional e locais que, na época, ecoaram em ações e políticas de instituições como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)<sup>33</sup>.

Nos propusemos, desse modo, a refletir acerca da ressonância da narrativa freyriana sobre a cidade no processo de patrimonialização de Olinda (PE, Brasil), que foi tombada patrimônio nacional em 1968, pelo Iphan, e inscrita na Lista do Patrimônio Mundial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 1982. Parte-se do pressuposto de que *Olinda: 2º Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira* assumiu papel relevante, como sujeito da história, para a patrimonialização da cidade e para seu reconhecimento a nível nacional e, sobretudo, internacional, como podemos depreender do *Documento de Candidatura à Lista do Patrimônio Mundial* submetido à Unesco<sup>34</sup>.

Para tal, realizamos um estudo qualitativo de caráter exploratório baseado na interseção e sobreposição entre diferentes tempos históricos: 1. O tempo biográfico do autor (entendido como pessoa e como persona); 2. O tempo de elaboração, circulação e recepção da obra (adotada como objeto); e 3. O tempo mais abrangente da “formação” e “fundação” nacionais, dos quais participam Gilberto Freyre e seu guia de viagem olindense. (ELIAS, 1995; CHAUÍ, 2013).

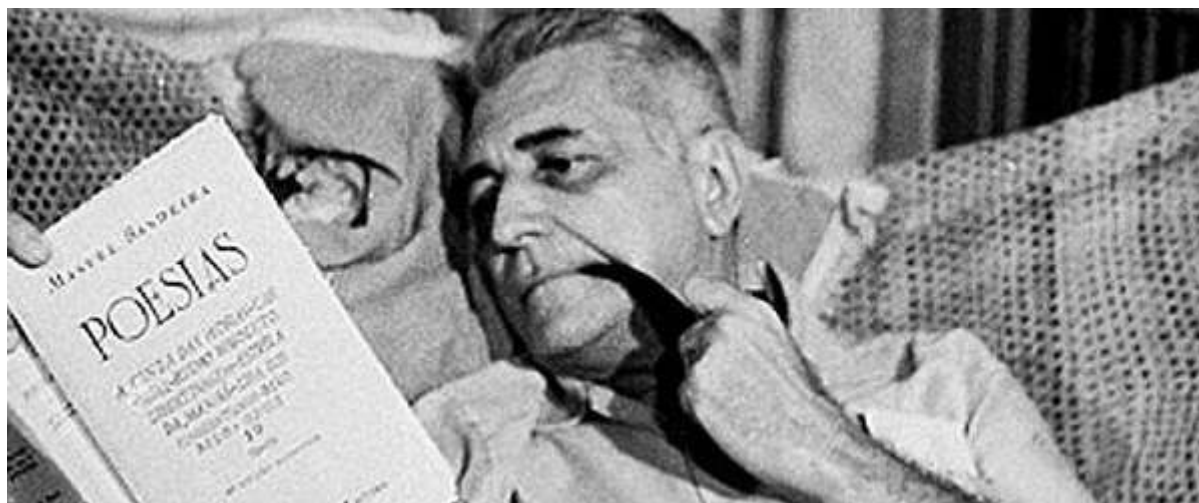
---

<sup>33</sup> Voltada à identificação, tombamento, registro e preservação do patrimônio cultural brasileiro, a agência federal foi fundada, em 1937, por meio do Decreto Nº 25, como Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan). Em 1946, com o Decreto nº 8.534, tornou-se Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN). Vindo a transformar-se em Instituto, em 1970, com a promulgação do Decreto nº 66.967. Neste texto utilizamos a sigla atual: Iphan. (AGUIAR, 2016).

<sup>34</sup> O dossiê de candidatura encontra-se disponível no portal do Iphan, em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie%20de%20OLINDA%20anexo%20L\\_pt.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie%20de%20OLINDA%20anexo%20L_pt.pdf)>.

## 2. O AUTOR E SEU TEMPO

Figura 1: O autor: Gilberto Freyre (1900-1987).



Fonte: Fundação Joaquim Nabuco, 2021.

Natural da cidade do Recife, em Pernambuco (PE), Gilberto Freyre (Figura 1) nasceu em 15 de março à luz do ano que inaugura o século XX. É filho do juiz de direito e catedrático de economia política da Faculdade de Direito do Recife Alfredo Freyre e de Francisca de Mello Freyre. Com seis anos de idade tentou fugir de casa, dirigindo-se para a cidade de Olinda (PE). Aos oito anos tinha dificuldade de aprender a ler e escrever, mas consegue iniciar-se nas letras em inglês nesse período. Aos 13 anos dá suas primeiras aulas no colégio, aos 14 passa a ensinar latim e torna-se editor chefe do jornal escolar. Aos 16 anos começa a palestrar, proferindo sua primeira conferência pública sobre Spencer e o problema da educação no Brasil. Após formar-se Bacharel em Ciências e Letras, Gilberto Freyre parte, aos 18 anos, para os Estados Unidos, onde estuda Ciências Jurídicas e Sociais, graduando-se na Universidade de Baylor, no Texas, e torna-se mestre pela Universidade de Columbia, em Nova York. Dali ruma para a Europa, em 1922, retornando posteriormente ao Brasil. No decorrer de sua biografia, Freyre viaja por diversos estados brasileiros e diferentes países. Aqui, reside, majoritariamente em Pernambuco e, também, no Rio de Janeiro. Ao final de sua vida, domicilia-se em sua terra natal, em casa-grande original do século XIX, localizada no “bucólico e tradicional bairro de Apipucos”<sup>35</sup>, típica daquelas que seriam consideradas, por anos, representantes da cultura e história nacionais. (FREYRE, 2006).

Desde a juventude, Gilberto Freyre impressiona por sua formação e atuação intelectual, mas é em 1933 que ganha visibilidade com a publicação daquela que seria considerada a sua principal obra *Casa-grande e senzala*. Elaborada em uma escrita ensaística, a obra inspirou poetas que escreveram poemas em sua homenagem, como Manuel Bandeira (1886-1968),

<sup>35</sup> Conhecida como Vivenda de Apipucos, a edificação abriga, atualmente, a Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre. Outras informações disponíveis em: <<https://fgf.org.br/casa-museu/>>.

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e João Cabral de Melo Neto (1920-1999). (VASCONCELLOS, 2000).

O livro angariou admiradores, mas também críticos da obra e de seu autor. Gilberto Freyre foi considerado por alguns como poeta, ensaísta ou escritor sem talento sociológico. Estes desconsideraram o livro enquanto ciência. Mas para Freyre a escrita da ciência não deveria ser desprovida de alma e de fluxo. (IDEM, 2000; MEUCCI, 2009).

Ao mesmo tempo, Casa-grande e senzala consolidou-se como referência fundamental para conhecer e entender o Brasil como um país miscigenado e singularmente formado a partir do encontro entre diferentes culturas – a negra africana, a branca portuguesa e a ameríndia dos nativos. O autor, que, diga-se de passagem, se tinha em muito boa conta, tornou-se o principal intérprete brasileiro e à despeito das controvérsias de sua obra e de sua atuação enquanto intelectual é, ainda, nos dias de hoje, considerado um dos maiores sociólogos do país. Todavia, Freyre também se consolidou na mídia e no meio intelectual como “inimigo do politicamente correto”<sup>36</sup>.

Amante do Brasil, Gilberto Freyre narrou – e romantizou – as riquezas e características nacionais, sendo criticado por deslocar o foco de sua interpretação dos conflitos em meio aos quais o país e sua sociedade se formaram para as características maleáveis que possibilitaram a formação de uma cultura e um povo singulares. À essa maleabilidade, Freyre denominou plasticidade (FREYRE, 2006). Ao analisar a cultura, história e sociedade brasileiras ressaltando seus aspectos “positivos” e, a seu ver, únicos, Casa-grande e senzala foi uma obra importante para a transformação do olhar dos brasileiros sobre si mesmos.

Talvez por este motivo o autor foi tão bem recebido pelo governo autoritário de Getúlio Vargas, a quem interessava construir uma ideia de Brasil e de unidade nacional. Por valorizar, também, a influência portuguesa sobre a história do país, foi acolhido pelo governo ditatorial Salazarista, onde chegou a dar cursos e palestras.

Alvo de críticas duras, por um lado, e de elogios encomiásticos, por outro lado, Freyre dividiu e ainda divide opiniões no campo do pensamento social brasileiro. No entanto, sem julgamento moral sobre o autor e a obra, o sociólogo Jessé Souza considera que Gilberto Freyre foi “a figura intelectual de maior importância e destaque da história do Brasil” ao passo que a interpretação que fez foi a de maior influência para a vida material e simbólica do país (SOUZA, 2018, p. 17).

À medida que a narrativa freyriana tornou-se, ao menos até a década de 1970, predominante no pensamento social e nas instituições brasileiras, a pessoa de Gilberto de Mello Freyre disseminou-se, cada vez mais, como a persona Gilberto Freyre (intérprete do Brasil). Pode-se dizer, desse modo, que ele entrou para a história intelectual como uma figura importante nos esforços de compreensão do processo histórico da formação social brasileira. Participando, também, com certa centralidade, da “fundação nacional”, ou seja, da construção de um mito fundador, seja pela relevância e dimensão que a publicação de Casa Grande e senzala alcançou em sua época, seja porque foi o único sociólogo integrante do corpo técnico do Iphan, no período de criação da agência federal (CHUVA, 2017).

---

<sup>36</sup> *Gilberto Freyre: o inimigo do politicamente correto é o nome dado à entrevista com Gustavo Mesquita, vencedor do 6º Concurso de Ensaios sobre Gilberto Freyre (2017), publicada, em 2018, na Revista Bula. Disponível em: <<https://www.revistabula.com/14786-gilberto-freyre-o-inimigo-do-politicamente-correto/>>.*

De acordo com Chauí (2013), no texto *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*, os processos de formação histórica e social brasileira e de fundação nacional se diferenciam:

Quando historiadores falam em *formação*, referem-se não só às determinações econômicas, sociais e políticas que produzem um acontecimento histórico, mas também pensam em transformação e, portanto, na continuidade ou na descontinuidade dos acontecimentos percebidos como processos temporais. [...] Diferentemente da formação, a *fundação* se refere a um momento passado imaginário, tido como instante originário que se mantém vivo e presente no curso do tempo, isto é, a fundação visa a algo tido como perene (quase eterno) que traveja e sustenta o curso temporal e lhe dá sentido. (CHAUÍ, 2013, p. s/p, grifo dela).

Freyre publicou obras de base sociológica sobre os processos de formação/transformação (continuidades e descontinuidades) do Brasil, como: *Vida social no Brasil nos meados do século XIX* (1922); *Casa-Grande e senzala* (1933); *Sobrados e Mucambos* (1936); *Nordeste* (1937); *Açúcar: Uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil* (1939); *Ordem e Progresso* (1959); entre outras obras, como *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife* (1934) e *Olinda: 2º Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira* (1939).

Cabe ainda sublinhar que Freyre participou de forma significativa de um momento na história do pensamento social brasileiro em que o debate na academia e no Estado se concentrou ao redor da edificação de um “caráter nacional”, o qual se pode compreender, no termo apresentado pela filósofa Marilena Chauí (2013), como um processo de fundação. De acordo com a autora, entre os anos 1930 e 1970, construiu-se a ideia de que existia no Brasil uma totalidade homogênea de traços coerentes, fechada e sem lacunas que caracterizava o povo brasileiro. Tal perspectiva, apresentava abordagens positivas, representadas por figuras como Afonso Celso (1860-1938), Gilberto Freyre e Cassiano Ricardo (1895-1974), e abordagens negativas, concebidas por personagens como Silvio Romero (1851-1914), Manuel Bonfim (1868-1932) e Paulo Prado (1869-1943).

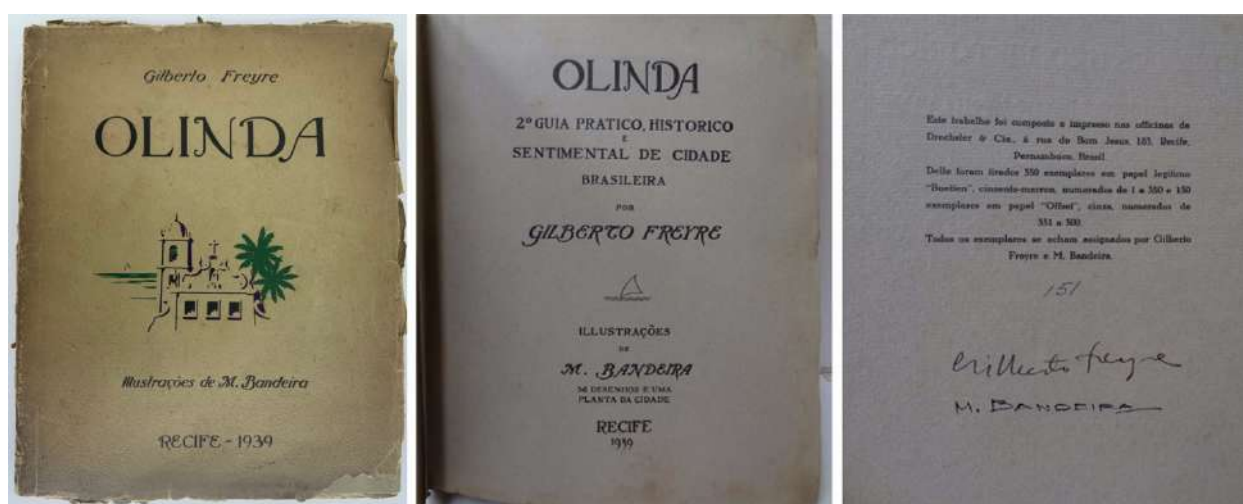
A narrativa freyriana que entendia a cultura brasileira como o amálgama entre as culturas negra africana, branca portuguesa e ameríndia, melhor representada pela existência do mestiço, reverberou junto às instituições determinantes para a constituição de uma cultura e de um imaginário ditos nacionais, como acredita-se ser o caso do Iphan. De acordo com Azevedo (2017), a obra de maior proeminência de Freyre – *Casa-grande e senzala* – foi muito bem recebida por Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898-1969), que administrou a agência federal desde sua fundação em 1937 até 1967, tendo assim influenciado a política patrimonial no Brasil. A percepção freyriana sobre a importância das casas-grandes rurais, das capelas, dos sobrados urbanos e das igrejas-matriz fez-se presente na concepção conceitual do patrimônio cultural brasileiro, entre os anos 1930 e 1970. Em termos práticos, são esses os principais exemplares da cultura material tombados como patrimônio pelo Iphan (IDEM, 2017; CHUVA, 2017).

O presente texto concentra-se, todavia, no guia de viagem publicado por Gilberto Freyre sobre a cidade de Olinda e sua importância para o processo de patrimonialização da cidade a níveis nacional e mundial.

### 3. A OBRA: RECEPÇÃO E RESSONÂNCIA

Olinda: 2º Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira é o segundo dos guias de viagem publicados por Gilberto Freyre nos anos 1930. Em 1934, o autor já havia publicado Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade do Recife, que fora bem aceito pelo público nacional e internacional. Diz-se que a obra servira de modelo para outras publicações que vieram posteriormente a público no exterior (FONSECA, 2007). Como guias de viagem estas duas publicações destinavam-se ao turista-leitor, mas também ao bibliófilo, tendo em vista as especificidades da tiragem, e, em alguma medida, ao morador, tal como menciona Rezende (2007, p. 17), para quem “o texto segue seu percurso buscando apresentar a cidade aos seus visitantes, mas também aos moradores”.

Figura 2: Primeira edição de Olinda: 2º Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira.



Fonte: <<https://www.obeloartisticoleiloes.com.br/peca.asp?ID=9096000>>;  
<<https://www.veranunesleiloes.com.br/peca.asp?ID=3209562>>, 2022.

A Figura 2 acima reúne fotografias da primeira edição de *Olinda: 2º Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira*, publicada, em 1939, em 350 exemplares em papel Buffon cinzento-marron e 150 exemplares em papel offset cinza, ilustrada por Manoel Bandeira (1900-1964). Assinada a mão por Gilberto Freyre e pelo artista gráfico pernambucano Manoel Bandeira, todos os exemplares informam ao leitor acerca da exclusividade e excepcionalidade da obra, como ilustram as fotografias, supramencionadas, do exemplar de número 151:

Este trabalho foi composto e impresso nas oficinas de Dreschsler & Cia., à rua do Bom Jesus, 183, Recife, Pernambuco, Brasil.

Delle foram tirados 350 exemplares em papel legítimo “Buetten”, cinzento-marron, numerados de 1 a 350 e 150 exemplares em papel “Offset”, cinza, numerados de 351 a 500.

Todos os exemplares se acham assinados por Gilberto Freyre e M. Bandeira.

O requinte de ambas as tiragens e a poesia impregnada na narrativa freyrina, contudo, indicam que a obra se destinava a um público seletivo. Ao referir-se ao turista-leitor, o autor dirigiu-se a

uma elite, senão brasileira, íntima do idioma português, dotada de condições – de tempo e de capital – para deslocar-se e conhecer as cidades previamente interpretadas pela sua narrativa. Interessante sublinhar a possibilidade de que a obra tenha sido encomendada por Rodrigo Mello Franco de Andrade, no período em que estava à frente do Iphan<sup>37</sup>.

Os guias de viagem de Gilberto Freyre – o de Recife e o de Olinda – narram paisagens sociológicas<sup>38</sup> das cidades, formadas por lugares, objetos, personagens e tipos sociais que pertencem ao corpo coletivo. Como toda literatura de viagem, os guias conformam imaginários turísticos sobre elas. A leitura de ambas as obras, no entanto, suscita diferentes abordagens do autor sobre a cidade, ainda que a estrutura dos guias seja muito semelhante, respeitadas as particularidades de cada uma das localidades narradas.

O guia de Recife remete ao olhar saudoso do autor de um tempo e de uma cidade que já não são os mesmos, sendo o guia uma espécie de lugar de memória, no sentido formulado por Pierre Nora (1993)<sup>39</sup>. No entanto, ainda que o ressentimento do autor com a modernização da cidade não seja a tônica que permeia majoritariamente a sua narrativa no caso de Olinda, ambos os guias podem ser compreendidos como lugares de memória. Freyre parte de uma elaboração abstrata, poética e sentimental sobre a cidade. A materializa em narrativa impressa no livro. Dá a ela uma funcionalidade, posto que, como um guia de viagem, assume uma dimensão prática. Ou seja, lugar de memória. A narrativa dos guias

... secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações [e por que não livros?], são marcos testemunhas de outra era, das ilusões de eternidade. (NORA, 1993, p. 13).

É interessante notar que, do ponto de vista do turismo, os guias são lugares de memória ao mesmo tempo em que criam lugares de memória que serão percorridos por turistas e visitados como parte de um ritual. Ao selecionar lugares da cidade que “merecem” e “devem” ser visitados, narrar paisagens, apontar ângulos de observação – aqueles a partir dos quais as cidades serão retratadas: ilustradas ou fotografadas –, os guias de viagem, de certa forma, (re)ritualizam a cidade. Eles constroem o olhar do turista (URRY, 1996), que se desloca em direção à cidade e na cidade, reproduzindo roteiros e comportamentos tidos como esperados, e estabelecendo uma relação com o passado, muitas vezes, artificial. Conforme Castro (1990), a literatura de viagem elenca lugares de visita quase que “obrigatória”.

---

<sup>37</sup>Na quarta capa da 8ª edição do *Guia de Ouro Preto*, elaborado pelo poeta Manuel Bandeira e publicado em 2015 pela Global Editora de São Paulo, Angelo Oswaldo de Araújo Santos menciona que o guia fora encomendado ao poeta pelo presidente do Iphan, Rodrigo Mello Franco de Andrade, tal como o de Olinda teria sido encomendado a Gilberto Freyre.

<sup>38</sup>Sobre a ideia de paisagem sociológica e a conformação do imaginário coletivo, ver Anderson (2005).

<sup>39</sup> Para Nora (1993, p.21-22): “Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração [...] O que os constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobredeterminação recíproca. Inicialmente, é preciso ter vontade de memória”.



No guia de Olinda, a ritualização da cidade se dá a partir do exercício narrativo de construção de um passado histórico e do peso de uma tradição arraigada na forma da cidade, que pode ser exemplificado no excerto abaixo:

Quem subir pela primeira vez uma rua velha de Olinda que se lembre de tão grande esquisitão dos tempos coloniais; que se lembre também dos desesperados da justiça do século que outrora subiram estas mesmas ruas para se queixar ao bispo; que se lembre dos outros homens que há quatro séculos sobem estas ladeiras. Uns para ouvir missa em São Francisco. Outros para se confessar em São Bento. Alguns de pés descalços, por penitência, sob o sol cru do meio-dia pernambucano, ferindo-se nas pedras, arranhando-se nos espinhos, queimando-se nas areias zangadas - de tarde, tão doces - e nas urtigas-brancas dos montes. Ainda outros só para comprar doces às religiosas de Nossa Senhora da Conceição. E agora, você turista, para gozar a paisagem. Já encontra caminhos amaciados pelos pés de muitas gerações de devotos e de gulosos em busca dos conventos, das igrejas e dos velhos sobrados dos altos. Há quatro séculos que os pés de outras gerações amaciam estes caminhos para você turista de 1939, de 1944, de 1960, de 1968 e de 1969. (FREYRE, 2007b, p. 25-6).

Vale salientar, igualmente, que a publicação do guia de Olinda – e, portanto, sua elaboração, circulação e recepção – ocorrem, inicialmente, em um momento em que a patrimonialização de cidades brasileiras consideradas históricas estava em debate. Portanto, o esforço de “invenção da tradição” – de que fala Hobsbawm (2008)<sup>40</sup> – ganha sentido no contexto histórico, político e sociocultural da época. *Olinda: 2º Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira* veio a público um ano após a cidade mineira de Ouro Preto ter sido tombada patrimônio nacional pelo Iphan, em 1938. Também em 1938, o amigo de Freyre e poeta Manuel Bandeira publicara pela editora do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual Iphan) o *Guia de Ouro Preto*. Nesse mesmo ano, a cidade inaugurara o Grand Hotel de Ouro Preto, projetado pelo arquiteto modernista Oscar Niemeyer (GUIMARÃES, 2012).

A publicação dos guias de Gilberto Freyre não se deu simultaneamente aos processos de patrimonialização das cidades que narraram. O guia freyriano sobre a cidade de Recife antecede em 4 (quatro) anos o primeiro tombamento de uma cidade histórica no Brasil, que é o caso de Ouro Preto. Em contrapartida, o tempo biográfico, da trajetória de vida do autor pode haver influenciado a elaboração do *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*, 1934. Gilberto Freyre havia passado o início de sua vida adulta nos Estados Unidos, país onde a literatura de viagem assumia papel central na constituição de uma ideia de nação a ser conhecida por seus cidadãos (SHAFFER, 2011).

No campo patrimonial brasileiro, a região Sudeste – que desde o século XVIII, com o Ciclo do Ouro, assumira a liderança econômica, política e cultural da colônia, posterior regência independente de Portugal e, então, república – tinha seu valor reafirmado por meio de mecanismos oficiais de chancela, como as políticas públicas de tombamento do Iphan. Já cidades localizadas a nordeste do país, a exemplo de Olinda e de Recife, em Pernambuco, que outrora destacavam-se no cenário brasileiro, no século passado experimentavam o ostracismo resultante da transformação da dinâmica nacional no campo político, econômico e cultural.

<sup>40</sup> De acordo com Hobsbawm (2008, p. 9), as tradições inventadas envolvem regras tácitas e práticas de natureza ritual ou simbólica que “visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição”.

Desse modo, embora o tombamento de bens materiais concentre-se, atualmente, nas regiões Sudeste e Nordeste do Brasil em termos quantitativos, naquela época foi Ouro Preto a primeira cidade brasileira a ser reconhecida como patrimônio pelo Estado brasileiro.

Nesse ínterim, apenas um ano após ao tombamento do centro histórico da cidade mineira de Ouro Preto, o guia de Gilberto Freyre reafirmava o valor histórico excepcional da cidade de Olinda que só veio a receber a chancela do patrimônio nacional quase 3 (três) décadas depois. Com sua narrativa histórica e sentimental, Freyre mostrava ao leitor-turista que Olinda merecia ser conhecida e, inclusive, preservada. Acredita-se que a narrativa freyriana sobre a cidade possa ter influenciado a formação de um olhar turístico sobre Olinda, bem como sua patrimonialização.

Embora o tombamento da cidade tenha tardado em 29 anos, o discurso patrimonial atribuído vê-se perpassado (e, muitas vezes, transplantado) pela obra *Olinda: 2º Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira*. Na página oficial do Iphan acerca do Centro Histórico de Olinda (PE), lê-se:

A **vegetação exuberante** das ruas, dos jardins, das aleias, dos conventos, com árvores frutíferas frondosas, mangueiras, fruta-pão, jaca, sapoti e coqueiros conferem ao sítio o **valor dominante de um núcleo urbano emoldurado por uma massa verde, sob a luz tropical** e tendo aos seus pés a praia e o oceano. A cidade guarda sua relação com a paisagem local e com o mar, com as características de sua arquitetura vernacular, **manifestação cultural herdada de Portugal e adaptada ao meio, e assimilada a ponto de adquirir sua própria personalidade e mantê-la ao longo dos tempos**. (IPHAN, 2023, s/p, grifo nosso).

A simbiose entre a vegetação local e as construções, a ênfase à luz tropical e à herança portuguesa na cidade permeiam todo o olhar turístico de Gilberto Freyre sobre a cidade de Olinda, a qual o autor se refere em seu guia como a Coimbra brasileira. Passagens semelhantes podem ser encontradas no site da Unesco, como a apresentada a seguir:

O centro histórico de Olinda contém uma série de edifícios que se destacam do ponto de vista arquitetônico e decorativo, como a Catedral Alto da Sé, a Igreja de Nossa Senhora da Graça e exemplos de arquitetura civil dos séculos XVII a XIX. **A vegetação luxuriante das margens das estradas, jardins, sebes e recintos do convento formam uma paisagem em que o destaque é a cidade aninhada em uma massa de vegetação, banhada em luz tropical**, com a costa arenosa e o oceano abaixo. (UNESCO, 2022, s/p., grifo nosso; tradução livre).

O livro aqui comentado foi a principal referência adotada nos processos de patrimonialização da cidade de Olinda – que se concentram no tombamento e/ou registro de patrimônios de natureza material que figuram dentre os objetos arquitetônicos mencionados na obra de Gilberto Freyre. O tombamento pelo Iphan e o registro pela Unesco não contemplam, no entanto, aspectos da cultura imaterial que aparecem na obra, mas enfatizam a paisagem na cidade centrada no valor arquitetônico de suas construções e na paisagem natural em que tais construções se encontram “aninhadas”.

As escolhas e ênfases patrimoniais adotadas são condizentes com a ideia de patrimônio vigente à época em que o Centro Histórico de Olinda foi alçado à condição de patrimônio nacional e mundial. A influência do guia de Olinda e do olhar freyriano sobre a cidade pode ser ainda notada nas imagens do Centro Histórico veiculadas pelo Iphan e pela Unesco em suas

páginas na internet (Figura 3, acima), nas quais os objetos representados são abordados pelos fotógrafos dos órgãos sob ângulos de observação semelhantes aos retratados nas ilustrações de Manoel Bandeira no guia (Figura 4, abaixo): material, por si só, rico para o estudo sobre o olhar turístico da cidade, quando pensadas estas imagens em diálogo com a publicação de um guia de viagem.

Figura 3: Historic Centre of the Town of Olinda.



Fonte: Geoff Mason. Unesco, 2022.

Figura 4: Igreja do Amparo.



Fonte: Manoel Bandeira. Freyre,

2007.

Tais imagens, todavia, devem ter sido aprovadas pelo próprio Gilberto Freyre, autor da obra. Não se pode afirmar, contudo, se o processo criativo de sua elaboração ocorreu a partir de suas coordenadas ou a partir da leitura de Bandeira do texto de Freyre.

Por fim, cabe relatar que o documento apresentado à Unesco pelo Brasil para a candidatura de Olinda à Lista do Patrimônio Mundial, apresenta no campo justificativa excertos da obra *Olinda: 2º Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira*; como ilustra a Figuras 5, e considerações baseadas na obra de Gilberto Freyre.

Figura 5: Justificativa apresentada para a inscrição de Olinda na Lista do Patrimônio Mundial da Unesco.

<p>5. Justificativa para a inscrição na Lista do Patrimônio Mundial</p> <p>a) Bem cultural</p>		<p>Trecho do Guia: <i>Olinda - Segundo guia prático, histórico e sentimental de uma cidade brasileira.</i></p> <p>No que se refere à localização física da cidade, o guia diz: "é uma cidade de colinas. Não há nos arredores de Recife melhor local para se usufruir da paisagem deste pedaço do Brasil repleto de coqueiros, de igrejas antigas, de cajueiros, velhas casas, mangueiras vindas da Índia e jangadas, deixando a praia rumo a alto-mar, que a parte alta de Olinda.</p> <p>A parte alta de Olinda não nos distancia da História do Brasil, mas, ao contrário, nos impregna dela. Devido a sua situação, não apenas bela, mas igualmente exposta ao olhar dos piratas, Olinda foi um dos lugares do Brasil que sofreu o maior número de ataques de estrangeiros nos séculos XVI e XVII. Porém, sempre resistiu. Sobreviveu aos saques e a um incêndio. Mostra ainda hoje algumas das</p>
--	--	---

Fonte: Documento de Candidatura à Lista do Patrimônio Mundial, 1981.

#### 4. CONFLUÊNCIAS HISTÓRICAS (OU CONSIDERAÇÕES FINAIS)

A virada do século XIX para o século XX, no contexto nacional, foi marcada pelas reflexões acerca do que faz do Brasil, "Brasil". Ou seja, vigorava no exercício intelectual de reflexão sobre o país o esforço para compreender seu processo de formação histórico-social, sua cultura e seu povo; e que oscilava entre interpretações negativas e positivas sobre a brasilidade e sobre o "tipicamente brasileiro".

Nesse contexto, Gilberto Freyre representou uma virada culturalista importante nas interpretações do país, até então centradas em aspectos negativos da miscigenação, influenciadas pelas teorias científicas racistas do século precedente (SOUZA, 2009).

Os debates sobre a autenticidade e originalidade nacionais influenciaram, por sua vez, a consolidação do patrimônio nacional oficializado. Ao final dos anos 1930, o país passou a ser detentor de um conjunto de elementos da cultura material considerados de excepcional valor e merecedores de serem reconhecidos e preservados de acordo com a chancela do Iphan.

Mas a narrativa sobre a excepcionalidade nacional antecede a elaboração de instrumentos de chancela, como o tombamento. Romances, poesias, diários, guias e relatos de viagem... retrataram o Brasil, cada qual à sua maneira. Desse modo, os guias de viagem elaborados por Gilberto Freyre, nos quais o autor dirige-se diretamente ao turista-leitor, retrataram as cidades de Olinda e de Recife.

Além de Gilberto, outros artistas e intelectuais elaboraram obras nesse sentido, como o poeta Manuel Bandeira, que escreveu sobre Ouro Preto; Jorge Amado, sobre a sua Salvador<sup>41</sup>; e Mário

<sup>41</sup> Jorge Amado publicou, pela primeira vez, em 1945, o livro Bahia de Todos os Santos – Guia de ruas e mistérios de Salvador.

de Andrade, que compartilhou suas viagens pelo país<sup>42</sup>. Os autores mencionados e suas respectivas obras podem e devem ser compreendidos como agentes da história, que ajudaram a construir ideias de Brasil e a autoimagem do brasileiro sobre si mesmo.

Ademais, os guias de viagem e seus autores contribuíram para a consolidação de destinos turísticos ou lugares de interesse turístico, ao passo que em tais publicações escolhem cidades, sugerem roteiros, itinerários, ângulos de observação e orientam comportamentos para o turista-leitor.

*Olinda: 2º Guia Prático, Histórico e Sentimental* insere-se, ainda, em um movimento, capitaneado por seu autor Gilberto Freyre, nomeado Movimento Regionalista, que é caracterizado pela exaltação dos valores, cultura e arte nordestinas, com ênfase em Pernambuco, seu estado natal. Tal movimento é mais bem elaborado por ele em seu Manifesto Regionalista de 1926.

Desse modo, o autor e sua obra, pessoa e objeto, nos ajudam a compreender a construção do imaginário turístico da cidade, sob a perspectiva freyrina, mas também a história cultural e intelectual brasileira e as políticas desenvolvidas no interior de instituições como o Iphan. É de se destacar, sobremaneira, a influência do guia de Olinda e de seu autor para a inserção da cidade de Olinda na Lista do Patrimônio Mundial, em 1982, ambos figurando como principais referências do dossiê submetido à Unesco.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. *Turista Aprendiz*. Brasília: Iphan, 2015.
- AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos – Guia de ruas e mistérios de Salvador*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- AGUIAR, L. B. O Programa de Cidades Históricas, o turismo e a “viabilidade econômica” do patrimônio (1973-1979). *Anais do Muse Paulista*. São Paulo, n. Sér. v. 24. n. 1. p. 137-149. jan-abr. 2016.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto*. São Paulo: Global, 2015.
- BRASIL. *Proposta de inscrição na Lista do Patrimônio Mundial apresentada pelo Brasil – Centro Histórico de Olinda*. 1981. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie%20de%20OLINDA%20anexo%201\\_pt.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie%20de%20OLINDA%20anexo%201_pt.pdf)>. Acesso em 27 de fevereiro de 2023.
- CASTRO, Celso. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.80-88.

---

<sup>42</sup> Baseado em suas experiências de viagem, em 1927 e 1928, Mário de Andrade publicou e escreveu inúmeros relatos sobre o Brasil. A obra foi concluída em 1943 e editada em 1976 sob o título *Turista Aprendiz* e reúne textos publicados anteriormente em jornais e revistas nacionais.

CHAUÍ, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. In: ROCHA, A. (Org.) *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. (Escritos de Marilena Chauí). Minas Gerais: Autêntica, 2013.

CHUVA, Márcia. R. R. *Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2017.

ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995

FONSECA, Edson Nery da. A Olinda materna de Gilberto Freyre. In: FREYRE, Gilberto. *Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. 6ª ed. São Paulo: Global, 2007.

Freyre, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.

\_\_\_\_\_. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. 5ª ed. São Paulo: Global, 2007a.

\_\_\_\_\_. *Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. São Paulo: Global, 2007b.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. *Gilberto Freyre*. Brasil: FUNDAJ, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/assuntos/personalidades/gilberto-freyre>>. Acesso em 5 de maio de 2023.

GEOFF MASON. *Historic Centre of the Town of Olinda*. Unesco, 2022. Disponível em: <[whc.unesco.org/en/documents/125171](http://whc.unesco.org/en/documents/125171)>. Acesso em 22 de maio de 2022.

GUIMARÃES, V. L. *O turismo levado a sério: discursos e relações de poder no Brasil e na Argentina*. Tese (Doutorado em História Comparada). 333f. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

*Historic Center of the Town of Olinda – Discription*. [Online]. Unesco, 2022.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KNAUSS, Paulo/ LENZI, Isabel; MALTA, Marize (Orgs.). *História do Rio de Janeiro em 45 Objetos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019.

MEUCCI, Simone. Prefácio à apresentação: singularidades, revelações e ocultações da “Sociologia de Gilberto Freyre”. In: FREYRE, Gilberto. *Sociologia: introdução ao estudo dos seus princípios*. São Paulo: É Realizações Editora, 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Proj. História*, São Paulo (10), 1993.

REZENDE, Antonio Paulo. As múltiplas cidades de Calvino e Freyre. In: FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. 5ª ed. São Paulo: Global, 2007.

SHAFFER, Marguerite. *See America First: Tourism and National Identity, 1880-1940*. Washington (DC): Smithsonian Books, 2001.

SOUZA, Jessé. A construção do mito da brasilidade. In: \_\_\_\_\_. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

\_\_\_\_\_. Gilberto Freyre e o Nordeste como berço do Brasil. In: TEIXEIRA, Carlos. Sávio. Gomes; SOUZA, Jessé. O Nordeste em transformação. Rio de Janeiro: Bicicleta, 2018. p. 17-36.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Novel, 1996

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *O xará de Apipucos: um ensaio sobre Gilberto Freyre*. São Paulo: Casa Amarela, 2000.

Catálogo na Publicação  
Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

---

C749 Congresso Patrimônio Cultural: identidades e imaginário (2023 : São Carlos, SP)  
Anais do Congresso Patrimônio Cultural: identidades e imaginário, 08 a 10 de maio de 2023 / editores: Paulo César Castral... [et al.]. – São Carlos-SP: IAU/USP, 2023.  
463 p

ISBN: 978-65-86810-65-3

1. Arquitetura. 2. Patrimônio cultural. 3. Patrimônio arquitetônico. 4. Urbanismo. 5. Pesquisa. I. Castral, Paulo César, ed. II. Título.

CDD 720.63

---